



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

CONVERSANDO A GENTE SE ENTENDE? POSSÍVEIS CONEXÕES ENTRE OS CONFLITOS DA ORALIDADE E A QUESTÃO FILOSÓFICA DO PACTO SOCIAL

Joviniano José Rezende de Oliveira
Adilson Nascimento de Jesus

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, cujo título é “Filosofia e Movimento: corpo, consciência e conceito”. O projeto relativo a essa pesquisa tem sido aplicado nas aulas de Filosofia na E.E. Prof. Coriolano Monteiro de Campinas/SP e consiste na formação de grupos de movimento e de consciência corporal utilizados como recurso de sensibilização dos conteúdos filosóficos. É sobre a proposta do projeto e sobre os resultados de um dos encontros, em que foram realizados alguns exercícios de bioenergética, que incide este artigo. Nesse encontro, foram utilizadas dinâmicas e brincadeiras, como também uma adaptação da técnica de meditação *Gibberish*, com o intuito de flexibilizar a faixa oral. Em seguida, foi apresentado um pequeno texto filosófico, que abordou o tema da linguagem e da busca pela racionalidade. Esse texto se apoiou nos argumentos de alguns clássicos da filosofia, como Aristóteles, Hobbes, Rousseau, dentre outros. Segundo tais autores, a busca pela paz passa pela capacidade de raciocínio, de linguagem e de engajamento social. Essa capacidade é natural ou socialmente construída? Será que “conversando a gente se entende”?

Palavras-chave: Consciência Corporal, Exercícios de Bioenergética, Filosofia e Pacto Social.

Introdução: A proposta do Projeto Filosofia e Movimento

O objetivo do projeto Filosofia e Movimento é oferecer encontros, ou oficinas, que ofereçam uma conexão entre as questões filosóficas e a realidade cotidiana. Isso é feito por meio do contato corporal com a pele (toque, automassagem) e também com as faixas embrionárias ou segmentos energéticos sugeridos pela abordagem Reichiana: os segmentos ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico que são as principais regiões de tensão presentes no corpo, por isso constituem bloqueios para o fluxo livre da energia corporal.

Nesse sentido, as oficinas promovem um espaço para o contato corporal e propriocepção, e por meio da dinâmica em grupo é capaz de relacionar a vivência grupal a problemas fundamentais da história da Filosofia, como, por exemplo, nosso relacionamento



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

interpessoal, o medo de enfrentar desafios, de ser mal interpretado em nossa comunicação, etc. O presente trabalho apresenta o conteúdo de um desses encontros, especificamente o encontro em que foi trabalhado a questão da oralidade, desenvolvida do ponto de vista social como a questão da comunicação. O título desse encontro: “Conversando a Gente se Entende?” Nos leva a refletir sobre a questão da racionalidade e linguagem como uma forma de se buscar a resolução de conflitos e construir a paz.

A parte prática do encontro se inspira na abordagem bioenergética, essa forma de olhar o corpo, nos auxilia a não só perceber os locais de mais tensão corporal, mas também procurar aliviá-los, por meio do toque, dos exercícios de bioenergética, especialmente os de respiração e de *grounding*. A partir de uma postura corporal mais enraizada, tantos discentes como docentes podem ser capazes de se conectarem com os conflitos interpessoais e buscar soluções mais razoáveis. Os encontros com esse enfoque tem sido realizados desde 2013 com o apoio da equipe gestora da E. E. Prof. Coriolano Monteiro da Diretoria Leste da Cidade de Campinas /SP. Os estudantes do ensino médio que participaram desse encontro, foram alunos do terceiro ano do ensino médio em 2014 que na época tinham faixa etária de 16 a 18 anos. Esse material fez parte do meu trabalho de monografia, requisito para certificação em Análise Bioenergética no Instituto Ligare de Psicoterapia Corporal. Agora essa pesquisa compõe parte de minha tese de Doutorado na Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Desde a década de 70, Alexander Lowen fundador da Análise Bioenergética propunha a formação de grupos de exercícios como complemento e manutenção do processo terapêutico (GAMA®O, 1996, p. 14). No Brasil deve ser lembrado o trabalho de José Ângelo Gaiarsa que desenvolveu o “grupo sem palavras”, em que as pessoas se relacionavam por meio de comunicação não verbal, gestos e toques. No final da década de 70, Regina Favre propôs um trabalho que integrava várias abordagens corporais e foi a partir desse processo que evoluíram os grupos de movimento e consciência corporal em São Paulo. Desde então, o treinamento de grupo de movimento passou a fazer parte da formação dos alunos da antiga escola reichiana Sedes Sapientiae, e ainda faz parte do treinamento dos terapeutas das escolas atuais, como o Instituto Ligare, onde realizei a minha formação como coordenador do grupo de movimento em 2013.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

1 – O Grupo de Movimento e Consciência Corporal Como Estratégia de Sensibilização de Questões Filosóficas.

Qual é o objetivo do grupo de movimento? Diferente de um grupo de terapia que é focado nas questões existenciais dos participantes do grupo, o grupo de movimento procura levar “o participante a um processo de sensibilização e conscientização corporal, de modo a melhorar sua percepção de si mesmo” (GAMA & REGO, 1996, p. 18). Nesse sentido, esse trabalho de consciência corporal tem três funções: a terapêutica, a pedagógica e também social. A função terapêutica vem do seu lado preventivo e profilático, porque a propriocepção nos conecta com a linguagem expressiva do organismo e favorece a descarga energética e emocional. A função pedagógica e educativa é alcançada à medida que os participantes assimilam as informações sobre si e sobre os outros, e podem “reaprender” a se conectar com o ritmo natural do organismo, algo que as crianças fazem naturalmente (Idem p. 19). A função social do grupo de movimento se relaciona ao seu papel de promover a consciência corporal numa sociedade negadora do corpo. Para Reich nossa sociedade é repressora das emoções, da sexualidade e do prazer e essa repressão serve ao controle e à massificação psicocultural e socioeconômica (Reich, 1988, p. 39), enquanto uma sociedade democrática pressupõe indivíduos livres e capazes de se expressar. Dessa forma, esse trabalho leva o participante “a perceber que além da cabeça existe um vasto e fascinante território, constituído por pés, pernas, quadril, barriga, eito, costas, coluna, pescoço, ombros, braços, mãos” (GAMA & REGO, 1996, p. 21). Algo que parece simples de fato soa aos participantes como uma experiência de estranhamento e inusitada, devido à cisão corpo/mente vivida na sociedade atual.

Ora que a prática de grupo de movimento se apresente como algo necessário em nosso contexto sócio cultural tão dissociado do corpo, parece uma proposta razoável, mas em que ou como um grupo de movimento pode contribuir numa aula de Filosofia? Quando comecei a introduzir elementos da psicoterapia corporal nas aulas de Filosofia, fui motivado inicialmente pela minha própria prática como coordenador de grupo de movimento, porque no contexto dessa modalidade de trabalho corporal os conflitos cotidianos aparecem e as emoções deixam de ser negadas e passam a ser reconhecidas e acolhidas, essa consciência corporal e emocional já é um grande passo rumo à integração entre pensar, sentir e agir. No início de 2013, tive um *insight* de elaborar sete sessões de grupo de movimento, cada encontro dedicado a um dos segmentos apresentados por Reich e conectar os bloqueios ou conflitos relacionados a cada esse segmento (fase do desenvolvimento) com uma questão fundamental



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

da história da Filosofia. Como professor de Filosofia numa escola pública e com estudantes adolescentes, o grupo de movimento, por ter um caráter dinâmico, tornaria a questão filosófica mais viva e conectada com o cotidiano.

Ao buscar teóricos contemporâneos que pensam estratégias de sensibilização para o ensino de Filosofia, encontrei a contribuição do professor Silvio Gallo da Faculdade de Educação da Unicamp. Ele se inspira na definição de Filosofia deleuze-guattariana para pensar a aula de Filosofia como uma “oficina de conceitos”. Para Deleuze e Guattari: “o filósofo é o amigo do conceito, ele é o conceito em potência. (...) os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. (...) Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11).

Nesse sentido, a filosofia não é apenas o depósito de conceitos da história da Filosofia, mas genuinamente uma atividade criativa. Em *Conversações Deleuze* comentou sobre a castração que sua geração sofreu pela história da Filosofia, ou seja, o filósofo é castrado, porque não pode dizer nada em seu próprio nome a não ser que se submeta à história da Filosofia (Deleuze, 2013, p. 14). Inspirado na perspectiva de Deleuze e Guattari, o professor Gallo defende que o filósofo, por estar “encarnado e vivendo num mundo concreto, enfrenta problemas vitais, mergulha no caos e busca a criatividade que lhe permite inventar conceitos que ajudem a dar uma forma racional ao problema vivido, podendo assim encontrar soluções” (Gallo, 2006, p. 24). A história da filosofia, mais do que um inventário cronológico das soluções, é como um arsenal, um repositório dos conceitos criados, que podem ou não servir como ferramentas, instrumentos para nosso próprio pensamento.

Nessa perspectiva, o conceito é algo que nos “põe a pensar”, é um dispositivo que é criado a partir de condições reais. Uma aula de filosofia passa a ser uma oficina de conceitos à medida que tem um caráter prático, investigativo, dinâmico, a aula é um espaço no qual os conceitos são experimentados. Deleuze e Guattari, veem no caos do cotidiano, não um local de desordem, mas como um espaço de questões vivas e possibilidades. Nesse sentido o “crivo filosófico, como plano de imanência que recorta o caos, seleciona movimentos infinitos do pensamento e se movimenta com conceitos formados como partículas consistentes que se movimentam tão rápido como o pensamento”. (Deleuze & Guattari, 2010, p. 140). Dar aula de Filosofia é promover nos estudantes uma experiência do pensamento que tanto lida com os conceitos criados na história da Filosofia como também pode compreendê-los e recriá-los e, além disso, até mesmo criar os próprios conceitos.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Por isso, a sensibilização é a etapa anterior à problematização; “a sensibilização é o componente afetivo com o tema trabalhado” (GALLO, 2007). Sem a percepção do problema não há processo filosófico possível, e os estudantes bem sensibilizados irão perceber o problema como parte da vida real, e não simplesmente como um conceito alienado do cotidiano no qual estão inseridos.

2 - Metodologia

As oficinas ou encontros foram realizados na forma de observação participante (Martins & Bicudo, 1989), utilizando-se de recursos como anotações em diário de campo, e questionário semiestruturado, acompanhado do termo de consentimento livre e assistido, e a identidade dos participantes é preservada na análise de resultados. Seguem abaixo a sequência de exercícios utilizada para a sensibilização do tema do presente trabalho. Em seguida, se apresenta na íntegra o texto elaborado para esse encontro, que associa a questão da oralidade com o problema do pacto social e seus fundamentos na nossa capacidade de raciocínio e da linguagem.

3 - Grupo de Movimento – “Conversando a gente se entende?” – A Faixa Oral

Preparei a sala previamente com dois cartazes que foram fixados nas paredes com a frase: “o bom selvagem” de Rousseau e outra com a frase: “o homem é lobo do homem” de Hobbes.

Para começar o processo de consciência corporal, parti da percepção corporal das tensões ou fotografia interna. Iniciei o trabalho com a consigna: “Perceba as tensões do seu corpo, onde está mais tenso no seu corpo?” Dei uma pausa para essa percepção.

Estimulei uma pequena massagem nos olhos e recuperei um pouco do que foi feito na oficina anterior, que foi dedicada a faixa ocular. Ao massagear a região da boca estimulei o grupo a fazer careta e a mostrar a língua para os colegas de forma divertida, como se fazia quando criança. Em seguida guiei um breve alongamento e movimentos circulares nas principais articulações do corpo, por fim guiei o grupo para caminhar pela sala com consciência e respirando com mais profundidade.

Depois de alguns minutos, o grupo já tinha reconhecido melhor o ambiente e os participantes. Sugeri ao grupo caminhar de forma relaxada e de peito aberto, a ter um olhar



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

amigável de forma a imaginar que na sala todos são confiáveis: “somos todos amigos, somos todos bons”. Disse ao grupo para se conectarem essa postura corporal e com o cartaz que tinha escrito “o bom selvagem”. Fique alguns minutos experimentando esse lugar confiável no corpo e na relação com os colegas. Perguntei: “Como fica o seu corpo? Como é isso na sua vida?”

Nosso próximo passo foi construir um corpo mais tenso, sugeri ao grupo trazer desconfiança para o olhar, caminhar de forma mais acelerada. Em seguida pedi para que caminhassem de modo que não deixassem nenhum participante se localizar na região das costas, ou seja, Disse ao grupo: “caminhem e não confiem em ninguém, essa pessoas podem lhe fazer mal, nunca dê as costas para ninguém”. Associei essa postura corporal a afirmação hobbesiana: “o homem é o lobo do homem”.

Com essas consignas claras, alternei as sugestões “o homem é o lobo do homem” com “o bom selvagem” em seguida perguntei ao grupo: Qual dessas posturas é mais agradável? Qual dessas afirmações tem mais conexão com nossa vida ou nossa forma de viver em nossa sociedade? Dei um tempo depois de cada pergunta para que o grupo processasse corporalmente as questões.

Após esse período, pedi para que o grupo parasse um pouco, respirasse mais profundamente, soltasse as tensões e se alongasse. Pedi para que o grupo caminhasse livremente sem as consignas, aguardei um pouco.

Nesse momento propus que começassem a interagir com o grupo, sugeri que os participantes começassem a buscar os colegas com os olhos. Pedi para que formassem duplas para o próximo exercícios. Relembrei a postura do *grounding*, pedi para os participantes se mantivessem na postura de pé mantendo os pés afastados na direção dos ombros, as pontas dos pés voltadas para frente, com os joelhos um pouco flexionados de forma a estruturar melhor o próprio corpo e sentir os pés mais firmes no chão. No exercício, um dos membros da dupla deveria pedir algo para o colega, enquanto o outro membro negaria. Dessa forma, um membro da dupla pede e o outro nega. Em seguida, os papéis foram invertidos, o que havia pedido passaria a negar e vice e versa. Perguntei depois dessa troca: O que é mais difícil para você? Pedir ou negar? Dei um tempo, em média um minuto para cada membro da dupla.

O próximo exercício que apliquei foi inspirado na técnica de meditação Gibberish, que é uma técnica de meditação ativa em que se fala uma língua que não existe, que não tem forma ou estrutura. Inicialmente todos falaram ao mesmo tempo durante um minuto, depois em dupla, por fim isso foi realizado em trio: um membro do trio era o estrangeiro, o outro o nativo e o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

terceiro é o tradutor. O estrangeiro deveria falar uma língua incompreensível para o nativo, dessa forma a presença do tradutor é fundamental. Todos os membros do trio todos foram estimulados a experimentarem ser o tradutor.

Para finalizar reuni todos os participantes num círculo. Perguntei se algum participante poderia ser o estrangeiro, ou um extraterrestre, um ser que não falasse nossa língua, mas que teria uma mensagem importante para o grupo. Pedi para um participante ser o tradutor da mensagem. Por fim, guiei o grupo para ficar de mãos dadas e fazerem uma leve pressão nas mãos, para todos se sentirem presentes em seu próprios corpos e se sentissem parte do grupo.

4 – Texto elaborado para esse encontro: “Conversando a Gente se Entende?”

Conflitos e mal entendidos sempre ocorreram na sociedade humana, e buscar um acordo por meio da comunicação e a racionalidade desde sempre foi um alternativa para acalmar os ânimos e chegar a um acordo razoável para as partes divergentes.

Aristóteles defendeu em sua obra *A Política* (§ 1253a) que “o homem é um animal político”, para ele a sociabilidade faz parte da natureza humana. Nas palavras de Aristóteles:

Agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social. Como costumamos dizer, a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. Na verdade a simples voz pode indicar a dor e o prazer, e outros animais a possuem (sua natureza foi desenvolvida somente até o ponto de ter sensações do que é doloroso ou agradável e externá-las entre si), mas a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e nocivo, e, portanto também o justo e injusto; a característica específica do homem em comparação aos outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade. (Aristóteles, 1985, p. 22)

A crença de que a razão e nossa ‘natureza’ racional é capaz de solucionar os conflitos humanos é ilustrada na teoria do contrato social. Para os contratualistas antes dos homens viverem na sociedade ou estado civil, a humanidade vivia num *estado de natureza*.

Para o filósofo contratualista Jean Jaques Rousseau, no estado de natureza os homens são bons e vivem livremente. A teoria do ‘bom selvagem’ que surgiu em 1755, defende que a maldade dos homens advém da organização social que por suas regras impõe aos homens a servidão. A crítica rousseauiana à sociedade moderna alertava os homens da exploração do homem pelo próprio homem (Fortes, 2007). Rousseau iniciou sua obra *O Contrato Social*



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

defendendo que “o homem nasceu livre e por toda parte ele está agrilhado” (Rousseau, 1999, p. 9). O direito do mais forte sobre o mais fraco naturalmente ameaça a convivência pacífica entre os homens. Como os homens poderiam conviver entre si sem perder sua segurança e liberdade? Esse é “o problema fundamental cuja solução é fornecida pelo contrato social” (Idem, p. 20), que tem a seguinte cláusula: “Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo seu poder sob a suprema direção da vontade geral; e recebemos, coletivamente, cada membro como parte indivisível do todo” (Idem, p. 22).

Outra forma de se pensar a natureza humana ficou famosa na frase: *Homo homini lúpus* – “o homem é o lobo do homem”. É uma expressão em latim que foi criada por Plauto (254-184), mas que ficou famosa com o contratualista Thomas Hobbes. Para esse filósofo no estado de natureza não há igualdade, mas a guerra de todos contra todos. No pensamento hobbesiano, os homens egoístas buscam satisfazer suas próprias necessidades e acabam estabelecendo o direito do mais forte sobre o mais fraco, mas os mais fortes também não ficam em paz devido à esperteza dos mais fracos. Dessa forma, fortes e fracos vivem em constante estado de alerta. O estado de natureza é marcado pela insegurança e angústia da ameaça constante à paz, como estabelecer a paz e a segurança? Para Hobbes, “as paixões que inclinam o homem para a paz são o temor à morte violenta e o desejo de tudo o que é necessário a uma vida confortável” da obra *Leviatã*, Parte I, cap. XII (Hobbes, 2003). Para protegerem o direito de propriedade e a segurança, os homens racionalmente fazem um acordo mútuo, nesse *pacto social* eles concordam em abandonarem o poder de ‘fazer justiça com as próprias mãos’ a favor de um Poder Soberano que é o Estado. A cláusula do pacto seria: “cedo e transfiro meu direito de governar a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de que transfiras a ele teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações” da obra *Leviatã*, Parte I, cap. XII (Hobbes, 2003). O papel do Estado é garantir os direitos básicos dos cidadãos e manter a paz e a segurança.

Outros contratualistas modernos como John Locke e Immanuel Kant também tem uma forma de ver a natureza humana e se apoiam no acordo racional ou contrato social como a passagem dos homens do estado de natureza para a sociedade civil.

No século XX, a filósofa Hanna Arendt ao escrever sobre a condição humana não a pensou mais em termos de natureza humana, porque desde Santo Agostinho a filosofia mostrou a impossibilidade dos seres humanos de definirem sua própria natureza. Para Hannah Arendt, qualquer esforço para definir a natureza humana cairia em algum tipo de metafísica, semelhante às ideias platônicas; o que devemos pensar é sobre as condições da existência



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

humana (cf. Arendt, 2010: 11-13). E a capacidade de se comunicar compõe o panorama humano, que acontece no processo da vida ativa; esse processo foi pensado por Hannah Arendt como tendo três aspectos: o trabalho, a obra e a ação.

Nossa discussão aqui não busca fazer uma análise na história da filosofia sobre a comunicação e a linguagem, mas nosso objetivo é apresentar uma questão: É possível pensar em seres humanos que não se comunicam? A comunicação faz parte da nossa condição humana? A nossa capacidade de pensar e nos comunicar é capaz de mediar e resolver nossos conflitos?

5 - Questionário do Encontro: ‘Conversando a gente se entende?’

- 1) Após ler o que Aristóteles definiu sobre o homem e a comunicação, você concorda com o autor? Comente
- 2) Qual a semelhança entre o pensamento de Hobbes e Rousseau e em que eles se diferenciam? Comente
- 3) No exercício de grupo foi mais fácil andar com a consigna do ‘bom selvagem’ ou ‘o homem é lobo do homem’? Qual postura você conecta mais com nossa sociedade atual?
- 4) No exercício de pedir e negar o que foi mais difícil? Comente
- 5) Você conseguiu captar alguma coisa da fala do seu amigo no exercício de falar numa língua estranha, se sim que recurso utilizou? Comente.
- 6) No exercício do tradutor o que foi mais fácil de fazer? Traduzir, ser o estrangeiro ou ser o nativo? Comente.
- 7) Nossa capacidade de pensar e nos comunicar pode ser capaz de evitar a violência e resolver os conflitos que surgem nas nossas relações? Comente.

6 – Considerações Finais:

O que será apresentado aqui não é uma conclusão, pois essa pesquisa está em andamento. Sobre a discussão feita sobre a relação entre a faixa oral e a questão da linguagem e comunicação, em um dos depoimentos escritos nos questionários, um estudante escreveu: "a comunicação gera a capacidade de se entender um com o outro sem perder a razão". Outro já comentou: "Como seres humanos (...) deveríamos ser capazes de evitar conflitos, apenas com a comunicação". Uma das estudantes disse: "a violência não é a resolução dos nossos problemas". Associar a construção das posturas corporais do “bom



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

selvagem” e do “homem lobo do homem”, com as concepções de natureza humana de Rousseau e Hobbes fez com que essas ideias se tornassem mais paupáveis. A maioria deles disseram que as ideias de Hobbes são mais realistas e próximas de nosso egoísmo. Também discutimos se há de fato uma natureza humana boa como propôs Rousseau, ou se nosso egoísmo ou altruísmo podem ser construídos pela sociedade e pela educação. Do ponto de vista filosófico a discussão foi rica, e estimulou uma forma crítica de pensarmos os conflitos atuais e a nossa busca pela paz.

Em 2014 esse encontro foi realizado na última aula de Filosofia na turma do terceiro ano do ensino médio, o clima era de despedida tanto em relação a mim como em relação aos colegas. Nesse encontro uma das coisas que mais chamaram atenção e também movimentou o grupo foi o exercício do estrangeiro, pois eles perceberam que existe algo além do significado das palavras na linguagem, como o gesto a postura corporal, o tom de voz, entre outras coisas. Por fim, como esse encontro era uma despedida, quando fizemos o círculo eu propus que um estudante se candidatasse a ser estrangeiro e outro a ser o tradutor, mas o objetivo era passar uma mensagem de despedida para a sala. Foi muito interessante, porque a menina que foi a tradutora relatou que mesmo sem compreender racionalmente a língua do estrangeiro ela sentia a mensagem, e o estudante que foi o estrangeiro relatou a mesma coisa.

Ao finalizar o encontro pedi para os estudantes se manterem o círculo, mas solicitei que todos se voltassem para trás de forma que ficassem de costas uns para os outros e para o centro da roda. Nessa posição, todos se deram as mãos enquanto se mantinham de costas para o centro da roda, o desafio colocado era o de acharem uma forma de se virarem de frente para o círculo sem soltarem as mãos... Quando todos estavam de frente uns para os outros e com braços entrelaçados eu perguntei ao grupo: Se essa turma tivesse uma canção qual seria? O grupo demorou um pouco, mas chegaram a uma canção que foi cantada por todos, isso foi muito emocionante, a música “Só os Loucos Sabem” do compositor Chorão e Thiago Castanho da banda Charlie Brown Jr. Cantarem juntos essa música foi uma forma de expressão afetiva que foi além dos conceitos filosóficos discutidos e nos conectou com nossa despedida. E esse projeto que era só um sonho encontrou naquele grupo a possibilidade de existir e vibrar sobre a forma dessa canção...

Aquele foi um dia atípico, precisei também da ajuda de um colega para finalizar esse trabalho. Para encerrar essa oficina, eu contei com o apoio do professor de Química, Dimas Mineiro. Ele ficou fora da sala e somente observava, mas ao ouvir a canção começou a gravar aquele momento, e isso foi registrado em forma de vídeo editado com a ajuda do estudante



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Danilo Freitas. O vídeo foi colocado em forma de DVD apresentado na defesa de monografia no Instituto Ligare. Outro vídeo também foi feito para a formatura da turma, nesse versão o vídeo começa com um show gravado dessa banda, mas num certo momento os estudantes são surpreendidos, porque ele mesmos aparecem cantando. O vídeo foi apresentado na formatura no final do ano e todos cantaram novamente como despedida.

Além do vínculo fortalecido entre os estudantes da turma, pode-se dizer que a partir dos resultados que tivemos nos depoimentos dos alunos após a aplicação dos questionários dos encontros, que os pressupostos da Análise Bioenergética e o Grupo de Movimento foram importantes como recurso pedagógico capaz de realizar uma absorção mais profunda dos conteúdos que envolvem as questões filosóficas abordadas nos encontros. Podemos mencionar aqui, por exemplo, a conexão entre os exercícios para a faixa oral que liberam nossa expressividade e nossa habilidade de buscar por meio da linguagem um acordo razoável e tolerante, e também ir além das palavras e buscar se vincular afetivamente, na letra da música cantada pelos estudantes os compositores está escrito: “Agora eu sei exatamente o que fazer, bom recomeçar poder contar com você. Pois eu me lembro de tudo irmão. Eu estava lá também. Um homem quando está em paz, não quer guerra com ninguém” – *Só os Loucos Sabem*.

A partir dessa metodologia ou estratégia didática, o grupo de movimento tem se apresentado como um recurso pedagógico muito potente, pois por meio das dinâmicas de grupo, os estudantes são capazes de ‘sentir na pele’ o problema filosófico. O contato e o vínculo entre os participantes são fortalecidos, tendo em vista que numa vivência o relacionamento interpessoal e o afeto são elementos de um aprendizado significativo (cf. TOLOSA, 2003)

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: Editora da Unb, 1985.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

GAMA, Maria Ercília Rielli & REGO, Ricardo Amaral. **Grupos de Movimento**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae. 1996.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

OLIVEIRA Joviniano José Rezende; JESUS, Adilson Nascimento. Conversando a gente se entende? Possíveis conexões entre os conflitos da oralidade e a questão filosófica do pacto social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: O bom selvagem**. 2007.

GALLO, Silvio. “A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade”. **Ethica**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 17 a 35, 2006.

_____. “Sensibilização”. DVD: **Filosofia no ensino médio: elementos didáticos para a experiência filosófica**. São Paulo: Paulos, 2007.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: EDUC/Moraes/PUC-SP, 1989.

MEDITAÇÃO GIBBERISH (2017). Disponível em: <http://saudesem limites.com.br/meditacao-para-quem-e-aagitado/>. Acesso em: 10/05/2017

REICH, W. **Psicologia de Massa do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROUSSEAU, J. J. **O Contrato Social**. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

TOLOSA, Dora Elisa R. **Com afeto**. São Paulo: Segmento, 2003.

AUTOR e APRESENTADOR

Joviniano José Rezende de Oliveira/ Campinas /SP / Brasil

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia UFU, Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, Doutorando em Educação pela UNICAMP. Psicoterapeuta Corporal, Analista Bioenergético, CBT pelo Instituto Ligare de Psicoterapia Corporal e membro do IIBA International Institute for Bioenergetic Analysis.

Email: jovinianoj@yahoo.com.br

ORIENTADOR

Adilson Nascimento de Jesus / Campinas / SP / Brasil

Educador Físico, Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, Doutor em Educação pela UNICAMP. Atualmente é Professor Assistente Doutor (MS-3) do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (DELART) da Faculdade de Educação da UNICAMP. Pós-Doutorado na Université de Paris VIII.

Email: caosemdono@uol.com.br